

A VOZ DO PROFESSOR: RELAÇÕES ENTRE SAÚDE E TRABALHO

Tatiana Marins Farias¹

Antonio Almeida Carreiro²

Eduardo J. Farias Reis³

Cristiano Roberto Menezes Nunes⁴

Maria das Graças Nunes Castro, Bárbara Conceição Contreiras Simões e Rafael Jucá Pereira Rebouças⁵

1. INTRODUÇÃO

O tema desta investigação desperta grande interesse de muitos pesquisadores e clínicos na área da saúde, mais especificamente, dos profissionais que trabalham no sentido de evitar doenças ocupacionais. A incidência de disfonia entre professores e seu tratamento depende de questionamentos e respostas que conduzam para a elaboração de programas de prevenção. É, sem dúvida, um problema de relevância social que aflige significativa parcela de uma imensa população de trabalhadores, cujo trabalho depende de uma boa saúde vocal para sua satisfatória execução.

O estudo das disfonias entre profissionais docentes, ainda que incipiente, passa a preencher lacunas na literatura acerca da prevalência desta patologia e da identificação dos seus fatores associados às condições de trabalho. Porém, a variação dos dados encontrados entre os estudos realizados no Brasil e em outros países, dificulta a percepção dos gestores da saúde pública no entendimento de que as disfonias representam uma patologia, e que a prevenção desse agravo à saúde é possível, desde que sejam identificados os fatores associados para a criação de medidas de controle eficazes.

O presente projeto pretende dar continuidade à linha de pesquisa que vem se desenvolvendo em parceria entre o Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da UFBA (DMP) e o Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana com o Sindicato dos Professores no Estado da Bahia – SINPRO-BA, que realizou um amplo estudo epidemiológico em amostra representativa das escolas privadas de Salvador do ensino médio e fundamental em 1998. Este estudo constatou, entre outras coisas, que duas das cinco principais queixas relatadas pelos 573 professores estudados estavam relacionadas a problemas de voz (43% rouquidão e 49% dor na garganta) e 12% relataram ser portadores de “calos nas cordas vocais” (ARAÚJO, 1998). Porém, percebe-se uma escassez de dados referentes aos professores do ensino superior. Uma pesquisa realizada com uma amostra representativa da Universidade Federal da Bahia detectou que rouquidão representa 25,9% de todas as queixas de saúde e, sinusite e faringite crônica, 23,7% das doenças relatadas (WERNICK, 2000).

A partir da constatação nas pesquisas anteriores, o objetivo deste projeto é avaliar a incidência de disfonia e a associação com a carga de trabalho dos professores das diferentes escolas da UCSal. Como aporte, pode sugerir mudanças na execução das tarefas docentes que resultem no uso adequado da voz.

¹ Professora da Escola de Administração da Universidade Católica do Salvador – UCSal, Mestranda em Epidemiologia Clínica da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

² Professor, Doutor, dos Cursos de Administração, Engenharia Civil e Informática da Universidade Católica do Salvador – UCSal, orientador da pesquisa.

³ Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Doutorando em Medicina e Saúde da UFBA, coordenador da pesquisa.

⁴ Acadêmico do Curso de Medicina da Universidade Federal da Bahia – UFBA. (Iniciação científica)

⁵ Acadêmicas do Curso de Administração Hoteleira da Universidade Católica do Salvador – UCSal (Iniciação científica)

Para a análise dos dados serão utilizadas medidas descritivas de tendência central, de localização e de dispersão para descrever e avaliar, não só a associação entre condições de trabalho e disfonia, como também outras variáveis que podem ser reveladas durante a investigação.

2. OBJETIVOS

2.1. Geral

Avaliar a associação entre disfonia e condições de trabalho dos professores da Universidade Católica do Salvador.

2.2. Específicos

1. Descrever as principais queixas, sintomas ou diagnósticos referidos pelos professores, concernentes à saúde vocal e identificar os tipos mais prevalentes entre os professores;
2. descrever a percepção do professor em relação às características de seu ambiente de trabalho: condições dos locais de trabalho (salas de aula, escritórios); riscos físicos, químicos, biológicos, sociais e ergonômicos; e organização do processo de trabalho;
3. estudar a associação entre a ocorrência de alterações vocais referidas pelos professores e as condições de trabalho, incluindo características do ambiente de trabalho e o desenvolvimento da atividade docente;
4. descrever hábitos de vida relacionados à saúde (fumo, consumo de bebida alcoólica, realização de exames preventivos, prática de atividade física) entre os professores.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo do ambiente e do processo de trabalho tem sido cada vez mais aprofundado, com o objetivo de identificar os riscos ambientais aos quais está exposta a saúde dos trabalhadores. A complexidade inerente a este objeto de estudo – decorrente das influências multidisciplinares, a exemplo das mudanças tecnológicas; políticas; econômicas; culturais; dentre outras – exige um constante desenvolvimento e o aprimoramento das técnicas de reconhecimento destes riscos. Por conta deste aprimoramento, novos fatores ambientais e ocupacionais têm sido descobertos e, conseqüentemente, descobrem-se também novas doenças inerentes ao trabalho e novas medidas de prevenção.

Percebe-se, porém, que, embora novos objetos de estudo estejam emergindo com propostas de soluções para melhorias nas condições de vida da classe trabalhadora, ainda que incipientes, existem riscos, a exemplo do uso excessivo da voz, gerados por atividades como a docência, descritos na literatura há trezentos anos, e que ainda não foram reconhecidos devidamente, na comunidade acadêmica, como geradores de doença ocupacional.

Segundo Bernardino Ramazzini:

Não se encontrará tipo algum de exercício tão saudável e inócuo que, praticado com excesso, não acarrete graves danos; disso se dão conta os mestres da dicção, cantores, oradores, pregadores, frades, também as monjas pelo seu contínuo entoar de cânticos nos templos, os rábulas forenses, os pregoeiros, os filósofos que lêem

nas escolas discutindo até ficarem roucos, e todos aqueles que tem por ofício cantar e forçar a voz. (RAMAZZINI, 1999).⁶

O estudo dos distúrbios do aparelho fonador tem sido realizado em vários países e revela uma taxa elevada entre profissionais que utilizam a voz como principal instrumento de trabalho. Segundo estimativas americanas, aproximadamente 28 milhões de profissionais experimentam diariamente problemas vocais e, destes, os professores representam a profissão que mais busca o acompanhamento otorrinolaringológico (VERDOLINI & RAMIG, 2001).⁷

Um obstáculo central, gerador de dificuldade para o reconhecimento do risco ocupacional, é o baixo grau de informação e, conseqüentemente, da percepção das condições de saúde e de trabalho por diversas categorias, dentre elas a do professor. Entre os docentes, pode-se assinalar que a preocupação com as condições de trabalho e saúde é uma questão recente, que necessita de um diagnóstico epidemiológico, a fim de que possam ser criadas medidas de controle através de um programa de Saúde Pública, instituído nas escolas, para a prevenção de disfonias entre professores.

Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 1981; OIT, 2001),⁸ os professores só perdem para os mineiros, em termos de doenças ocupacionais. Portanto, este é um campo aberto para investigações e intervenções e, avaliar mais detidamente os problemas relacionados ao uso da voz, nessa categoria profissional, aparece como questão de extrema relevância.

A voz do professor, sem cuidados especiais, é vulnerável ao tempo e ao uso inadequado. Como proteção deve ser tratada como voz profissional e, para isso, nas condições de sua rotina de vida e trabalho deve contemplar procedimentos normativos que atenuem ou eliminem situações estressantes e fatores de risco para a sua saúde vocal e geral.

A voz e a fala se destacam no processo de ensino-aprendizagem por serem pontos e referências culturais que se refletem na construção do saber. No contexto pedagógico, espera-se que a voz seja clara, com boa sonoridade, com ritmo e velocidade adequados, com boa projeção e coordenação com a respiração, refletindo o equilíbrio das estruturas do trato vocal. Entretanto, nem sempre essas condições estão presentes, pois os educadores enfrentam, diariamente, grande demanda da voz em suas atividades profissionais, muitas das vezes, sob competição sonora com o barulho ambiental, em salas sem condições acústicas satisfatórias, mal planejadas e mal distribuídas, úmidas, às vezes, com problemas de infiltração, poeira, pouca ventilação ou climatização inadequada (ar condicionado desregulado), número excessivo de alunos, falta de recursos materiais ou recursos mal adaptados às necessidades didáticas, a baixa remuneração como elemento provocador para o aumento excessivo de carga horária, devido à busca por mais empregos para manter um nível digno de sobrevivência.

Na sala de aula, não são só as condições de trabalho que contribuem para o agravamento da voz; outros fatores também são apontados como elementos patogênicos à saúde do professor, mais precisamente sobre a questão das disfonias. Segundo Carvalho (1995)⁹, dentre esses fatores podem ser destacadas as recentes mudanças de enfoque pedagógico e de diretrizes educacionais que redimensionam o papel do professor e apontam a necessidade de atualização constante e de revisão

⁶ Bernardino Ramazzini na literatura especializada é considerado o “Pai da Medicina do Trabalho”. Sua obra, *De Morbis Artificum Diatriba*, foi publicado em 1700 na Itália, traduzido por Raimundo Estrela e reimpresso em 1999 pela FUDACENTRO, São Paulo.

⁷ Verdolini K, Ramig L.O. Review: Occupational risks for voice problems. *Logopedics Phoniatrics Vocology*. Boston. 26, 1, 2001, pp.37-46.

⁸ OIT, Organização Internacional do Trabalho. *Empleo y Condiciones de Trabajo del personal Docente*. Genebra: Ed. OIT, 1981.170p.

OIT, Organização Internacional do Trabalho. *Enciclopedia de salud y seguridad en el trabajo*. 3. ed. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales de España: Madrid, 94.1-94.12p., Servicios de educación y formación, 2001. Disponível em: <<http://www.mtas.es/insht/EncOIT/Index.htm>>. Acesso em: 4 de out. 2002.

⁹ Carvalho, M. M. B. O Professor. Um Profissional, sua Saúde e a Educação em Saúde na Escola. Tese de Doutorado em Educação em Saúde Pública. São Paulo, USP, 1995.

didático-metodológica, introdução de novos recursos tecnológicos (televisão, vídeo, computador, Internet) e as transformações mundiais (globalização da economia e da cultura).

O professor necessita de espaço e tempo para se atualizar, participar de cursos, sessões e estudo, entre outras demandas de trabalho. Para este autor, todas essas situações vividas pelo professor causam distúrbios emocionais que podem também resultar em um quadro de distúrbio vocal.

Segundos diversos estudos (WERNICK 2000; ARAÚJO et al., 2002; SILVANY-NETO et al., 2000)¹⁰, estímulos emocionais podem causar distúrbios psicológicos, dentre eles o estresse. A atividade de ensino, realizada nos padrões atuais na nossa sociedade, exige o uso intensivo da voz, causando desordens vocais relevantes. Quando esses dois estímulos estão presentes, estresse e uso intenso da voz, interações entre eles possivelmente estão se processando, determinando sobre o organismo do professor efeitos mais amplos.

Com base nas obras consultadas nesta revisão da leitura, e considerando que a voz é o principal meio de comunicação interpessoal, pode-se concluir que um desvio nesse processo repercute na estrutura psicológica do indivíduo e vice-versa. A carga emocional a que o professor está exposto em seu relacionamento com os alunos, colegas, superiores, funcionários, pais e comunidade escolar em geral, com toda responsabilidade social que sua função e papéis requerem, além do sentimento de insatisfação e frustração em relação ao trabalho, tornam-no predisposto ao estresse e a problemas de ordem emocional, com graves repercussões sobre a voz (PENTEADO et al., 1998)¹¹.

Por outro lado, o paciente disfônico, na sua árdua tarefa de adaptar-se ao meio, buscando manter um nível aceitável de comunicação, exige de si próprio e é exigido, levando o seu organismo a concentrar sua reação de estresse em um só órgão mais vulnerável, no caso do disfônico, a laringe. Por isso, ao mesmo tempo em que a disfonia é decorrente do estresse, também pode ser considerada, ela própria, um fator estressante, dependendo da constância em que ocorre (disfonia crônica) e de seu impacto sobre as relações pessoais e profissionais do professor. Visto por este ângulo, o professor disfônico não é o único culpado por seu adoecimento quando tem que enfrentar salas de aula cheias, barulhentas, a aspirar pó de giz, ar condicionado ou quando as relações com os colegas e diretores continuam estressantes.

Através de uma revisão na literatura sobre trabalhos realizados entre professores no Brasil, percebeu-se uma prevalência alta de disfonias como: rouquidão, que variou de 25,9% (WERNICK, 2000) até 34,9% (SILVANY-NETO et al., 2000), calos nas cordas vocais, de 12% (SILVANY-NETO et al., 2000) a 13,3% (DELCOR et al., 2002), problemas na garganta, 23% (WERNICK, 2000), perda temporária da voz, 22,6% (SILVANY-NETO et al., 2000).

4. METODOLOGIA

Pretende-se realizar um estudo epidemiológico descritivo através de um censo. A população do estudo será composta por 969 professores ativos da UCSal, lotados em 23 cursos de graduação. Destes, serão considerados elegíveis os professores com vínculo contratual de Auxiliar, Assistente, Adjunto e Titular. Professores em atividades administrativas, exclusivamente, não serão considerados elegíveis para o estudo, bem como os professores substitutos e professores que ministram disciplinas em ambientes com características distintas da clássica sala de aula – para investigação criteriosa de disfonias, avaliação das cargas de trabalho (incluindo ambiente e atividade de trabalho), distúrbios psíquicos menores e saúde em geral e hábitos de vida.

Será realizado um pré-teste do instrumento a fim de esclarecer dúvidas e promover o seu aperfeiçoamento. Para o processamento dos dados coletados será utilizado o programa estatístico

¹⁰ Silvany-Neto, A; Araújo, T; Reis, E; Kavalkievicz, C. Condições de Trabalho e Saúde dos Professores da Rede Particular de Ensino de Salvador. In: Revista Baiana de Saúde Pública. 24, 1-2, jan/dez, 2000, pp.42-56.

¹¹ Penteado R, Pereira IM. A voz do professor: relações entre trabalho, saúde e qualidade de vida. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 95/96, 25, 1998, pp.109-130.

Statistical Package for the Social Sciences - SPSS (1996), versão 7.0 para *Windows* (SPSS INC, 1991)¹². Inicialmente, será realizada uma análise estatística com frequências simples dos casos acerca das variáveis sociodemográficas, ocupacionais, de saúde em geral e hábitos de vida. Em seguida, será estimada, pela razão de risco relativo e risco atribuível, a medida de risco das variáveis. As diferenças observadas nos testes estatísticos serão significantes quando a probabilidade do erro tipo I for $\leq 0,05$. A medida de associação utilizada será estimada pela razão do risco relativo e risco atribuível. Para inferência estatística dos resultados será utilizado o teste de qui-quadrado (para avaliação das variáveis categóricas) e o *t* de *Student* (para avaliação das variáveis contínuas), com níveis de significância em 5% (Broyles, 1979)¹³.

¹²SPSS INC. SPSS® Base 9.0 - Applications Guide. Chicago, E.U.A., pp. 317-358, 1991. (Programa de computador que permite, automaticamente, o tratamento de dados coletados em pesquisa científica social).

¹³Broyles, R.W. e Lay, C.L. *Statistics in Health Administration*. London: Aspen Publication, London, 1979. vs.1 e 2.